



Entre ruínas e memórias: educação patrimonial e extensão universitária na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul

Lucas Specht¹, Maria Paula Gonçalves Cabral¹, Clarice Gontarski Speranza¹, Liana Severo Ribeiro¹, Monica da Silva Leitão¹, Deborah Radke Toloni², Julia Melo da Silva¹, Lilian Aparecida da Silva de Matos¹, Sabrina dos Santos¹

¹Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IFCH/UFRGS

²Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FA/UFRGS

E-mail: lucas.specht214@gmail.com

Resumo

Criado em agosto de 2023, o projeto de extensão “História e Memória do Trabalho nas Minas de Carvão do Rio Grande do Sul” teve como objetivo valorizar o patrimônio industrial da região carbonífera, tensionando a construção patrimonial do Museu Estadual do Carvão por meio de ações educativas. Fruto da parceria entre o Museu e o Departamento de História da UFRGS, o projeto produziu materiais didáticos e atuou em escolas da região via o projeto Museu na Escola. Em maio de 2024, diante das enchentes que atingiram o museu, o projeto auxiliou na catalogação do acervo afetado e elaborou um caderno pedagógico voltado à educação patrimonial. Participou ainda de atividades de pesquisa e divulgação científica em eventos locais, nacionais e internacionais, reforçando o compromisso com uma extensão crítica e dialógica, que busca resgatar memórias subalternas e promover o ensino de História a partir do patrimônio.

Palavras-chave: educação patrimonial; patrimônio industrial; Museu Estadual do Carvão; extensão universitária.

Resumen

Creado en agosto de 2023, el proyecto de extensión “Historia y Memoria del Trabajo en las Minas de Carbón de Río Grande del Sur” tuvo como objetivo valorizar el patrimonio industrial de la región carbonífera, pensionando la construcción patrimonial del Museu Estadual do Carvão a través de acciones educativas. Fruto de la asociación entre el Museo y el Departamento de Historia de la UFRGS, produjo materiales didácticos y actuó en escuelas de la región mediante el proyecto Museo en la Escuela. En mayo de 2024, ante las inundaciones que afectaron al Museo, el proyecto colaboró en la catalogación del acervo dañado y elaboró un cuaderno pedagógico orientado a la educación patrimonial. También participó en actividades de investigación y divulgación científica en eventos locales, nacionales e internacionales, reafirmando su compromiso con una extensión crítica y dialógica, que busca rescatar memorias subalternas y promover la enseñanza de la Historia a partir del patrimonio.

Palabras clave: educación patrimonial; patrimonio industrial; Museo Estatal del Carbón; extensión universitaria.

Introdução

Valorizar, promover, problematizar e divulgar: esses foram os verbos que deram início ao Projeto de Extensão “História e Memória do Trabalho nas Minas de Carvão do Rio Grande do Sul”, fruto de uma parceria entre o Departamento de História da UFRGS e o Museu Estadual do Carvão. Construído coletivamente a partir de agosto de 2023, o projeto teve como objetivo principal promover a valorização do patrimônio industrial da região carbonífera gaúcha, junto com o resgate da história e da memória dos trabalhadores — a partir do espaço do Museu e de seu acervo museológico e arquivístico — por meio de ações voltadas à divulgação do acervo e das pesquisas recentes a respeito do trabalho mineiro, e ao diálogo com escolas da região e com o público em geral.

O Museu Estadual do Carvão está situado em Arroio dos Ratos, em uma área de 10 hectares, preservando as

ruínas da primeira usina termoeletrica a carvão do Brasil, fundada em 1924, assim como do antigo “Poço 1”, inaugurado em 1908. Além disso, desde 2012, conta com o Arquivo Histórico da Mineração, composto por 10 fundos documentais relativos à exploração do carvão no estado entre os anos de 1889 e 1996, tratando-se de um dos principais acervos sobre a história do trabalho na mineração de carvão do país e da América Latina. O Museu é uma instituição administrada pela Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC).



Figura 1 - Mapa da região carbonífera do RS.
Fonte: Movimento Democrático Brasileiro, Diretório Estadual do RS – MDB/RS (2018).

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE-RS), o complexo patrimonial do Museu apresenta os espaços nos quais trabalhadores da mineração de carvão dedicaram suas vidas à extração desse minério, que detinha papel fundamental na economia nacional em boa parte do século XX. Fundado em 31 de março de 1986, o Museu tem o objetivo de preservar o patrimônio histórico-cultural da Região Carbonífera Gaúcha. Entretanto, segundo Freitas (2015), a população não participou do projeto de patrimonialização do espaço que hoje se identifica como o Museu Estadual do Carvão. Esse processo desencadeou a construção de um patrimônio que apresenta ruínas, prédios e ferramentas, mas esquece daqueles e daquelas que davam sentido ao espaço hoje patrimonializado, isto é, os trabalhadores e trabalhadoras, essenciais na edificação, vida e continuidade do que é hoje o Museu e seu espaço.

Tensionar a construção patrimonial — como processo intrínseco entre espaço/tempo/pessoas — é também um dos objetivos do projeto. As camadas de memórias contidas em cada tijolo que mantém em pé as ruínas da usina termoeletrica revelam agentes históricos diversos que agiram frente à forma de trabalho que estava colocada e à sociedade que se construía ao seu redor. Por isso, objetivamos pensar um museu ampliado, justamente porque “os vestígios do período áureo da mineração de carvão, tanto materiais quanto imateriais, estão presentes no cotidiano da população. São casas, clubes, escolas, hospital, religiosidade voltada ao culto à Santa Bárbara” (Freitas, 2015, p. 16) e, claro, o Museu Estadual do Carvão.

Nessa caminhada extensionista, a equipe do projeto foi composta pelas coordenadoras (Professora Dra. Clarice Gontarski Speranza, do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em História (PPGH) e do ProfHistória da UFRGS, e Liana Severo

Ribeiro, historiadora do Museu Estadual do Carvão e, desde 2024, doutoranda do PPGH) e por estudantes da graduação em História. Após realizar atividades como produção didática e oficinas, o projeto precisou reavaliar seu caminho e futuras ações em maio de 2024, após ser impactado pela maior catástrofe climática do RS.

O presente artigo busca apresentar, a partir das diversas experiências que vivenciamos no projeto, as formas possíveis de tensionar e compartilhar as experiências, histórias e vidas por detrás do processo de patrimonialização do Museu Estadual do Carvão.

Perspectivas teórico-metodológicas

A Constituição Federal de 1988 apresenta, em seu Artigo 207, a demanda da indissociabilidade entre três pilares constituintes das universidades brasileiras: Ensino, Pesquisa e, assunto do presente artigo, a Extensão. A partir do ano de 2023, implementou-se a curricularização da extensão, levando à obrigatoriedade de que os currículos dedicassem 10% de sua carga horária voltada às práticas extensionistas. Tendo em vista as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução CNE/CES nº 07/2018 do MEC), que orientam que as práticas extensionistas promovam a interação entre a universidade e a sociedade, compreendemos que a extensão deve proporcionar ao estudante uma formação complementar alinhada com as demandas sociais, tendo como um de seus princípios o compromisso ético com o coletivo. A partir dessa interação, o estudante se torna um dos protagonistas desse processo ao participar ativamente da construção do conhecimento, em diálogo com os saberes trazidos pelos locais. Além disso, as diretrizes reforçam que esse protagonismo estudantil na atuação extensionista deve ocorrer de maneira “não profissionalizante”, compreendendo essa atuação como um espaço de ampliação de repertórios e de diversidade

de experiências, ancorando-se nos princípios éticos que expressam o compromisso social da instituição.

Os resultados do movimento extensionista se mostram a partir da reciprocidade presente nesse processo entre a instituição e a sociedade, fortalecendo, assim, a função social que a universidade deve ter e reafirmando o seu papel como instrumento de transformação.

Ao ultrapassar os limites físicos e simbólicos da universidade, o presente projeto se constitui a partir do entendimento de que o conhecimento não reside apenas no ambiente acadêmico, mas é construído coletivamente, assumindo como perspectiva que a extensão é uma via de mão dupla.

Munidos dos ensinamentos teóricos enquanto participantes do projeto, passamos para a parte prática que a extensão exige. Esta poderia se concentrar apenas em visitar escolas, conversar com a comunidade, visitar o museu e trabalhar com o que nos estava dado, isto é, o Museu em si. Contudo, buscamos construir uma prática extensionista de mão dupla, em que, ao mesmo tempo que problematizamos as questões referentes à patrimonialização do museu e da região — problematizações que construímos coletivamente na nossa etapa teórica —, entendemos que não nos bastaria uma ação em que depositássemos o que aprendemos em sala de aula, mas, sim, que a nossa prática necessita trabalhar e somar com as histórias e, principalmente, com os usos que a comunidade local faz do espaço patrimonializado.

Ao trabalhar com o patrimônio edificado, mobilizamos a educação patrimonial. Acreditamos ser importante ressaltar nossa premissa desse conceito, o qual atravessou todas as nossas ações educativas. Entendendo que a patrimonialização de espaços segue uma ligação umbilical com as relações de poder, ou seja, é evidente que a estruturação do Museu do Carvão se estabeleceu a partir de determinadas

bases que se relacionam com o poder vigente. A educação patrimonial visa problematizar essas noções, trazendo aos debates os agentes históricos que foram protagonistas no que hoje é o patrimônio e que o fazem existir no presente. Portanto, para nós, “a educação patrimonial passou a ser concebida como um processo dialógico, participativo, de construção coletiva de conhecimento acerca das referências culturais e de fortalecimento dos grupos sociais” (Demarchi, 2022, p. 44).

Calcado nessa premissa de construção dialógica, o projeto de extensão, em suas inúmeras práticas, visou problematizar e fazer emergir as camadas de memória marginalizadas que o museu abriga em seu acervo, contrariando narrativas hegemônicas que reforçam uma representação homogênea e de caráter excludente da comunidade de trabalhadores mineiros, marcadamente masculina, branca, envolta em uma ordem social paternalista e heteronormativa.

Essas perspectivas não foram notadas somente a partir da análise de textos e fontes históricas, mas, principalmente, através do diálogo e da materialização do espaço do museu, os quais levaram à construção de conceitos que se demonstraram importantes em momentos posteriores. Foram longas as viagens de cerca de uma hora até Arroio dos Ratos (muitas delas patrocinadas por meio do Programa de Fomento da Pró-Reitoria de Extensão), muitas caminhadas e conversas para coletivizar o que entendemos e percebemos do espaço como potência no ensino de história e como espaço de memória e luta dos trabalhadores.

É a partir daí que começamos a articular o que entendemos pela história da mineração e dos trabalhadores, como conseguimos enxergar — ou pior, não enxergar — essas memórias dentro do patrimônio monumentalizado.

A escolha secundária do museu, aos nossos



Figura 2 - Ruínas do antigo complexo carbonífero e atual conjunto do Museu Estadual do Carvão.

Fonte: Solange Brum | Ascom Sedac/RS.

olhos, passou pelas pessoas que fizeram parte da história da mineração no Estado. Os mineiros — não todos, obviamente —, mineiros brancos, foram o tipo ideal escolhido para a representação do contexto carbonífero no RS. Escolha essa que não corresponde à realidade, pois ela é definida por:

personagens e grupos sociais marcados por marcações étnico-raciais ou de gênero subalternizadas, grandes contingentes da classe trabalhadora mineira, que não são apresentados como protagonistas da memória coletiva ou da constituição dos respectivos patrimônios históricos (Bica, 2022, p. 17).

Por que, então, essa escolha tão contraditória com a realidade? Pensar o patrimônio histórico no projeto de extensão foi pensar em pessoas, suas vidas, trabalhos e experiências que cruzaram o que hoje é o Museu. O patrimônio, seja material ou imaterial, não se cria sozinho: ele é resultado da necessidade de alguém ou de um grupo reafirmar algo; logo, o percurso do patrimônio no Brasil não difere disso, sendo, como posto, fruto das relações de poder.

A história brasileira é marcada pela busca do branqueamento (Dávila, 2006), e isso se faz presente nos modos como o patrimônio se constitui no nosso imaginário.

O que se percebeu foi, em primeiro lugar, a coisificação dos objetos (Costa, 2017). Os itens que compõem o acervo museológico parecem ter sido selecionados sem um trabalho que procure neles a vida, as pessoas e subjetividades que lhes são intrínsecas. Como pontua Witkowski (2019), no acervo do Museu “encontram-se [...] diversos utensílios, ferramentas e materiais utilizados no interior das minas, nas oficinas, laboratório, escritório, etc.” (p. 45). E, posteriormente, a seleção desigual dos protagonistas da história da mineração no RS, privilegiando alguns grupos. Foi nesse ponto que o projeto de extensão encontrou seu trabalho inicial.

Assim, o projeto de extensão passa a trabalhar com pontos que não se percebiam no patrimônio monumentalizado. Mulheres, negros, crianças, espaços de sociabilização, condições de trabalho, a sociedade mineradora foram os

temas evidenciados pelo projeto, a fim de propor um primeiro distanciamento da ideia de que o mundo da mineração foi exclusivamente branco e masculino. Para isso, nos concentramos na elaboração de materiais didáticos e outras atividades que pudessem trazer à discussão esses outros grupos não evidenciados no Museu.

O projeto em ação

Ainda no ano de 2023, o projeto usou o acervo do Arquivo Histórico da Mineração para elaborar cartazes que versassem sobre temas relacionados ao trabalho da mineração de carvão. Eles foram impressos na Gráfica da UFRGS, a partir do fomento da PROEXT, contando com o projeto gráfico da então graduanda de Design da UFRGS, hoje formada, Débora Radke. Os materiais apresentavam imagens e relatos que dialogavam com as premissas do projeto, pensando-os como importantes suportes para a problematização das questões que queríamos levantar. O objetivo era utilizar os cartazes em escolas da região carbonífera. Assim o fizemos a partir do projeto Museu na Escola, criado pela coordenadora do projeto, Liana Ribeiro.

O projeto Museu na Escola surgiu em função de questões internas à instituição Museu do Carvão. Devido a obras de infraestrutura no complexo, não era possível agendar mediações com as escolas, principal público que o museu busca atingir. Assim, a parceria do projeto de extensão com o Museu na Escola serviu para aproximar e sensibilizar alunos e alunas da educação básica acerca do conceito de patrimônio e sua relação com a história e a memória dos trabalhadores da região. As mediações eram organizadas principalmente a partir do próprio material produzido pelo projeto, desde a apresentação até os materiais didáticos.



Figura 3 - Projeto Museu na Escola.

Fonte: Arquivo pessoal.

Foi visível, nos primeiros contatos, um estranhamento em relação ao conceito de patrimônio em si, ao mesmo tempo que os alunos demonstraram que ele era pertencente às suas vidas. Os estudantes partilhavam suas experiências, a partir de relatos sobre seus familiares que trabalhavam na mineração, e como isso afetava aspectos da sociabilidade, da política e até mesmo da saúde da população nas diversas vilas mineradoras, hoje cidades emancipadas. As oficinas do Museu na Escola foram realizadas em diversas cidades, com ênfase em Arroio dos Ratos e Butiá.

É a partir do contato direto com o público, sobretudo com os estudantes da educação básica, que conseguimos aprimorar nossas noções, colocando-nos diante do conjunto teórico que havíamos trabalhado. Através do Museu na Escola, o projeto consegue aprimorar suas produções, entendendo quais eram as principais narrativas e conceitos estabelecidos pelo público geral quando se pensa em patrimônio, história e mineração. Percebeu-se a

existência de uma história “oficial” da mineração nas comunidades, narrada através da premissa do mineiro, com sua masculinidade incontestável e sua bravura para enfrentar os percalços do trabalho da mineração. Assim, o projeto passa a questionar a construção social no ensino de História da região carbonífera e procura reconhecer a presença e as desigualdades dos diferentes grupos sociais que a formaram como centrais na reflexão sobre os bens patrimonializados na região, sendo o Museu Estadual do Carvão o exemplo maior dessa representação.

Para refletir acerca desses aspectos, dialogamos com Simone Scifoni, que, ao refutar o lema “conhecer para preservar”, defende a educação como direito social. Para os alunos da educação básica da região, como coloca a autora, a

educação não é solução para o patrimônio, ela é direito social e necessidade é, portanto, condição inerente à preservação uma vez que é, a partir dela, que se pode problematizar a memória oficial e o passado, as políticas públicas de preservação e reconectar as pessoas ao patrimônio (Scifoni, 2019, p. 29).

Ou seja, a partir dessas perspectivas de educação patrimonial como processo educativo para problematizar as diferentes camadas de memória do patrimônio edificado do Museu Estadual do Carvão e, por meio da chave da análise interseccional de gênero, raça e classe, pretendeu-se reconectar a região e a população ao patrimônio do museu, direcionando, então, o olhar para novas formas de pensar e ensinar acerca da história regional.

A enchente e o caderno pedagógico

Nessa toada, ainda no ano de 2024, o projeto se vê atravessado — assim como todo o Estado — pelas enchentes que marcaram o ano letivo, a vida e a memória dos gaúchos. O complexo do museu esteve, por três dias, inundado por dois metros de água. O espaço do museu mais

impactado foi o arquivo. Cerca de 650 caixas de documentos foram encharcadas. Pela ação rápida da equipe do museu, em especial da historiadora Liana Ribeiro e da diretora Jordana Bortolotti, com apoio técnico do professor Jorge Vivar, do curso de Arquivologia da UFRGS, e da conservadora Kathia Berwanger, os documentos foram congelados em um frigorífico desativado na cidade de São Jerônimo. Atualmente, esses documentos estão na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, em estágio de restauro e, já nas dependências do Museu Estadual do Carvão, em reorganização arquivística.

Diante dessa catástrofe climática, coube ao projeto auxiliar da maneira que lhe era possível, naquele momento, por meio de duas bolsas concedidas pela Prorext, através do Edital de Fomento à Inserção Curricular para Enfrentamento à Calamidade no Rio Grande do Sul. As bolsistas Julia Melo, Lilian Matos e Mônica Leitão auxiliaram na catalogação de documentos já digitalizados do museu. Para isso, o projeto articulou uma rede de pesquisadores que já realizaram atividades no arquivo e tinham captado imagens do acervo. Além disso, a partir da prática desenvolvida no projeto Museu na Escola, nesse momento das enchentes, reelaboramos os primeiros cartazes, tornando-os mais didáticos e inserindo novas temáticas: o protagonismo negro, o protagonismo feminino e, claro, as enchentes nas minas.

Os graduandos Lucas Specht, Maria Paula Cabral, Mônica Leitão e Sabrina dos Santos, integrantes do projeto, cursavam, no período das enchentes, a disciplina de Estágio em Educação Patrimonial, lecionada pelas professoras Carmem Gil e Melina Perussatto. Articulamos, desde o início, a integração de nossa prática de estágio com a de extensão, tendo como instituição em que se realizaria a mediação — atividade exigida pela disciplina — o Museu do Carvão. Entretanto, em maio,

as águas tomaram o espaço. Em diálogo com a equipe do projeto, precisamos recalcular a rota e pensar em alternativas. Com a impossibilidade de trabalhar presencialmente no museu, os alunos que fazem parte do projeto realizaram a construção de um material didático direcionado aos educadores da região carbonífera que pretendem pensar a educação patrimonial, a história do museu e a memória dos trabalhadores em sala de aula.

A produção deste caderno pedagógico, enquanto ferramenta de apoio aos docentes da Educação Básica, pretende apresentar meios e sugestões de uso, em sala de aula, dos cartazes informativos produzidos no âmbito do projeto de extensão. Considerando a variedade de temas e possibilidades de abordagem desses materiais, no auxílio da elaboração de oficinas de educação patrimonial, bem como a dificuldade de encontrar recursos para aprofundamento, é que este caderno foi produzido.

O caderno foi estruturado em três eixos que serviram de base para a construção dos “capítulos do caderno”. O primeiro eixo tem o objetivo de integrar toda a atmosfera em que o patrimônio do museu está inserido, repensando suas estruturas e a própria patrimonialização. Ressalta-se aqui que não é um guia, mas sim a construção de possibilidades; assim, os docentes que tiverem contato com o caderno terão autonomia para utilizar os materiais ali apresentados, seja a partir de suas próprias concepções de educação patrimonial, seja por meio de suas possibilidades de abordagem do patrimônio histórico-cultural.

Já o segundo eixo busca evidenciar as “camadas de memória” presentes no patrimônio museológico e arquivístico do Museu Estadual do Carvão. Utilizando o próprio acervo, os cartazes produzidos pelo projeto de extensão destacam grupos sociais historicamente invisibilizados e não representados na patrimonialização do museu. Questões como

moradia e trabalho são abordadas de forma crítica, levando em conta quais sujeitos eram mais afetados pelas desigualdades sociais e como isso se aplicava na construção territorial e espacial das vilas mineradoras. A perspectiva interseccional aparece especialmente no protagonismo feminino e na condição da mulher negra, cujas experiências demonstram as marcas estruturais do racismo, bem como suas formas de resistência. As sociabilidades, como os clubes negros da região, também são valorizadas enquanto espaços de convivência e luta, demonstrando os diferentes marcadores de diferença que operavam na sociedade mineira, resultando em diferentes espaços de convívio entre os mineiros.

O terceiro eixo propõe uma crítica ao ensino da história regional, geralmente pautada em memórias idealizadas do imigrante branco e do mineiro heroico. O caderno questiona essas narrativas centradas na branquitude, na masculinidade e na glorificação da empresa e do trabalho minerador como elemento essencial na construção do “homem de valor”, propondo outras leituras a partir do acervo do museu. Como apoio, foi criado um Google Drive com textos-base e imagens utilizadas, oferecendo aos professores recursos para trabalharem temas como patrimônio, memória, gênero, raça e trabalho, conforme suas realidades escolares.

O que estamos devolvendo à Universidade?

Um projeto de extensão pensa em como movimentar as esferas da Universidade e o público: como direcionar para a sociedade o que produzimos no meio acadêmico, mas também como devolvemos para a Universidade o que a sociedade nos proporciona e nos ensina.

No dia 24 de agosto de 2024, durante o evento UFRGS Portas Abertas, o projeto realizou a oficina “Saudações Antifascistas”, voltada à valorização do protagonismo feminino na região carbonífera do RS. A atividade, baseada em uma



Figura 4 - Enchente de maio 2024 no Museu.

Fonte: Foto aérea produzida por Luís Guilherme de Moura Ramos.

dos visitantes, que foram recebidos com entusiasmo. Ao final, a oficina teve um saldo positivo, permitindo apresentar um pouco da prática historiadora e das memórias preservadas pelo Museu, ligadas às vidas de quem construiu a história da região.

Em 2024, o projeto marcou presença em eventos acadêmicos, destacando-se no 25º Salão de Extensão da UFRGS e no 42º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul com o vídeo-pôster “A extensão como instrumento de valorização do patrimônio industrial”, apresentado por integrantes do projeto em parceria com o Museu do Carvão.

carta escrita por mulheres ao presidente Eurico Gaspar Dutra em 1946, utilizou o acervo do Museu para promover reflexões sobre gênero, raça e classe. Com a mediação dos integrantes do projeto, foram mobilizadas fontes diversas, como jornais e imagens, despertando o interesse



Figura 5 - Portas Abertas UFRGS 2024.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em novembro, integrantes marcaram presença em dois eventos internacionais da AUGM: na 31ª Jornada dos Jovens Pesquisadores, em Montevideu, Lucas Specht apresentou sua pesquisa sobre o protagonismo feminino nas comunidades mineiras; e na XIV Reunião do Comitê Acadêmico História, Regiões e Fronteiras, na UFRGS, Maria Paula Cabral discutiu o ensino de História com foco no trabalho e nas relações étnico-raciais, enquanto Lucas aprofundou seu estudo sobre a atuação feminina. As participações fortaleceram o vínculo entre pesquisa, ensino e extensão.

Considerações finais

Em diversos momentos, seja nas apresentações em congressos acadêmicos ou em conversas informais, a história do trabalho na mineração é recebida com certa surpresa pelos ouvintes. Muitas pessoas, inclusive do Rio Grande do Sul, desconhecem a existência do Museu e sua potência para o Ensino de História. Ao longo das nossas atividades, buscamos encontrar formas de minorar esse desconhecimento, ao mesmo tempo em que desconstruimos, conjuntamente com a comunidade, perspectivas muito assentadas em uma história

memorialista e heroica da região.

O projeto História e Memória do Trabalho nas Minas de Carvão do RS finalizou suas atividades em dezembro de 2024. Os aprendizados e discussões que decorrem dele, sobretudo na nossa noção de extensão, em que, em um diálogo horizontal e descentralizado, construímos um conhecimento circular com uma via de mão dupla, permitem apreender novos significados no contato direto com a comunidade da Região Carbonífera do Rio Grande do Sul.

Seguimos juntos e construindo novos saberes. Agora — em nossa nova fase do projeto, no ano de 2025 — nossos materiais produzidos, em especial nosso caderno pedagógico, servirão de base para um curso de extensão voltado para professores da região. O Laboratório de História Social do Trabalho (LHISTRA) tem como função manter vivas todas essas discussões, fortalecendo nossa parceria com o Museu Estadual do Carvão. Portanto, continuamos em nossa prática extensionista, reverberando os verbos que nos guiam e alimentam nossos objetivos: valorizar, promover, problematizar e divulgar. ◀

Referências Bibliográficas

- BICA, A. N. Sociedade carbonífera, ensino de história e educação patrimonial. 2022. 299 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – UFRGS, Porto Alegre, 2022.
- COSTA, C. M. A poesia das coisas no ensino de História: exercícios de sensibilização. In: SIMAN, L. M. C.; MIRANDA, S. R. (orgs.). *Patrimônio no plural: educação, cidades e mediações*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017. p. 95-121.
- DÁVILA, J. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- DEMARCHI, J. L. Rir do patrimônio hegemônico: outras epistemologias para refundar o patrimônio cultural. *Síloges*, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/siloges/article/view/185>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- FREITAS, T. M. de. De complexo carbonífero a museu... 2015. 202 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – UFPEL, Pelotas, 2015.
- SCIFONI, S. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. *Revista CPC*, n. 27, p. 14-31, 2019.
- SPERANZA, C. G. *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.
- WITKOWSKI, A. Da luz no fim do túnel ao Arquivo Histórico do Museu Estadual do Carvão... 2019. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UFRGS, Porto Alegre, 2019.